



Inês Torres (2022) *Como é que a esfinge perdeu o nariz? E outras curiosidades sobre o antigo Egito*. Lisboa: Planeta, 318p. ISBN: 978-989-777-597-0

Fábio Frizzo (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

fabio.frizzo@uftm.edu.br

Lançado em 2022, este livro veio cumprir um papel importante na divulgação dos conhecimentos sobre o Egito antigo em língua portuguesa. Partindo de uma sólida formação egiptológica e da experiência em ensino de língua egípcia clássica na Universidade de Harvard, Inês Torres aventurou-se pelo campo da divulgação científica em diferentes meios. O primeiro deles foi o perfil @umaegiptologaportuguesa no *Instagram*, iniciado em 2020. Em seguida, lançou o *podcast Três egiptólogos entram num bar* em conjunto com Guilherme Borges Pires e Luiza Osório da Silva. Participou também da série documental *Expedition Unknow*, produzida pelo *Discovery Channel*. Por fim, tem trabalhado como especialista guiando viajantes interessados no Egito, mas sem abandonar sua vida acadêmica, na qual permanece em estágio pós-doutoral no Centro de Humanidades – CHAM da Universidade Nova de Lisboa e dirigindo o Projeto Arqueológico *Akhmerutnisut*, dedicado a documentar a mastaba de Akhmerutnisut no planalto de Gizé.

O livro *Como é que a esfinge perdeu o nariz? E outras curiosidades sobre o antigo Egito* é fruto tanto da preocupação de Torres com divulgação científica de qualidade quanto de sua experiência bem-sucedida na área. A própria organização do volume foi feita a partir de uma pesquisa da autora em seus perfis profissional e pessoal nas redes sociais, voltada para indicar os maiores interesses do público em geral acerca da antiguidade egípcia. Assim, o livro foi composto de capítulos curtos, motivados e intitulados por perguntas que refletem as principais

curiosidades do público leigos nesse tema, que povoa o imaginário coletivo há pelo menos um século. São mais de 40 perguntas divididas em quatro grandes seções temáticas: “A vida e o cotidiano”, “O mundo funerário”, “A monarquia e a administração”, “A religião” e “O antigo Egito no mundo moderno”.

Em suas mais de 300 páginas, o livro dá conta de apresentar um quadro bastante completo dos interesses demonstrados tanto pela pesquisa egiptológica quanto pelo fascínio do público não-especialista nos últimos séculos. Assim, além de elementos históricos do passado faraônico, os objetos tratados na obra incluem reflexões sobre a história da própria egiptologia como campo disciplinar e sobre a recepção da cultura egípcia antiga em diferentes momentos do passado, incluindo a chamada egiptomania.

O talento e o esforço da autora na divulgação científica demonstram-se também na linguagem acessível do livro, mesmo que opte por utilizar transliterações adaptadas de certos nomes próprios ao invés dos nomes herdados de suas formas gregas e consagrados pela tradição. Portanto, divindades conhecidas usualmente como Toth, Anúbis, Seth e Osíris, por exemplo, são nomeadas pela forma mais próxima da reconstituição da língua original, respectivamente como Djehuty, Inpu, Setekh e Usir. O livro é repleto de termos e conceitos centrais escritos em suas versões hieroglíficas e apresentando tanto as transliterações convencionadas pela tradição egiptológica quanto adaptações fonéticas para língua portuguesa. Todo esse esmero em relação à língua é com certeza fruto da experiência pedagógica da autora, mas é especialmente louvável, considerando o pequeno número de trabalhos sobre gramática egípcia antiga em língua portuguesa. Afinal, à exceção do material ainda não publicado oficialmente (mas disponível *online*) de Ciro Cardoso,¹ voltado para seus cursos de língua egípcia na pós-graduação, temos apenas a gramática publicada por Ronaldo Gurgel Pereira.²

É importante destacar que, embora o objetivo central da obra seja a divulgação, isso não afeta o compromisso com o conhecimento científico de ponta

¹ Ciro Cardoso (2000) *Curso de língua egípcia (Egípcio clássico e médio)*. Niterói. Material didático não publicado.

² Ronaldo Gurgel Pereira (2016) *Gramática fundamental de egípcio hieroglífico*. São Paulo: Chiado.

acerca do passado egípcio e a inclusão dos principais debates que têm cercado a egiptologia atualmente. Nesse sentido, há uma preocupação em pensar criticamente sobre as implicações de a egiptologia ser uma parte relevante do orientalismo e, conseqüentemente, do colonialismo e do eurocentrismo universalizado no pensamento científico moderno.

A crítica ao orientalismo está presente, por exemplo, no cuidado de estranhar o uso corrente de traduções associadas ao mundo muçulmano ou turco-otomano, como “harém” e “vizir”, ou mesmo na opção pela expressão “província administrativa” no lugar do termo grego usual “nomo” para se referir às circunscrições políticas do território. Como acertadamente explica a autora, “é preferível manter a palavra original do que utilizar uma tradução pouco adequada” (p. 171), especialmente nos casos de conceitos próprios da cultura egípcia antiga.

A atenção dada às questões conceituais não se restringe às ideias próprias do pensamento egípcio antigo. Há um esmero muito consciente em historicizar conceitos do mundo moderno e isso é essencial especialmente em um livro direcionado para ampla circulação. Assim, ao pensar como eram a “infância” ou o “desporto” no Egito antigo, Inês Torres faz questão de mostrar que essas não são ideias universais e atemporais, deixando claro que são “dependentes do meio cultural e do tempo” (p. 75).

A historicização é uma ferramenta constantemente aplicada no decorrer da obra. Considerando a duração de milênios da cultura egípcia antiga, isso é fundamental para desconstruir outro dos efeitos do orientalismo, a ideia de permanências imutáveis e grandes continuidades temporais. O capítulo “A ideia de continuidade cultural do antigo Egito é correta?” sintetiza bem essa discussão. Nele, a autora reconhece acertadamente que a perspectiva baseada em permanências imutáveis é fruto da concepção tradicionalmente chamada de “mito do Egito eterno”, já discutida por outros autores.

Outros efeitos do mito do “Egito eterno” estiveram ligados a uma supervalorização da religiosidade na sociedade e no pensamento egípcios antigos. Essa religiosidade foi associada ao exotismo, centrada no poder paternalista do faraó e na vida pós-morte, da qual as múmias e os tesouros funerários talvez fossem os principais estandartes para o mundo (e para os museus) do ocidente

“civilizado”. Uma das maiores qualidades de *Como é que a esfinge perdeu o nariz?* é justamente o fato de que sua autora tem plena consciência da necessidade de construir uma obra que, mesmo voltada para o grande público, vá além da “narrativa dos tesouros, templos e múmias” (p. 12).

Em consonância com a historicidade, uma maneira de desmistificar esse “Egito eterno” exótico e cheio de belas artes e tesouros é a discussão sobre os limites das fontes primárias tradicionais empregadas para a construção do conhecimento sobre o passado faraônico. O livro é repleto de imagens de iconografias de época e citações de textos egípcios antigos. Mas, longe de uma perspectiva que supervalorize os documentos, Torres trata de afirmar constantemente os problemas de representatividade social desses vestígios. Uma vez que a maioria das imagens que nos chegaram é proveniente do cânone oficial e que uma reduzida parcela da população era capaz de ler e escrever, a história de diversos grupos da sociedade estava excluída das narrativas elaboradas a partir dessas fontes. Nesse sentido, permanece também a crítica a uma arqueologia ainda centrada nas grandes “descobertas” e nas belas artes, que atraem turistas e lotam museus, mas deixam de lado a vida da maioria da população.

As questões problemáticas apresentadas pelo livro são mais decorrentes do contexto de sua produção do que das opções da autora. Por estar voltado para o público mais amplo, não é de se estranhar que o título inclua a ideia de “curiosidades”, embora tudo indique que Inês Torres tenha consciência de como essa concepção acaba contribuindo para o fortalecimento de ideias mistificadoras sobre o Egito antigo. É provável que o título esteja ligado às demandas por vendas da indústria editorial e, em alguma medida, ao interesse do público em uma forma de conhecimento que seja também uma leitura de entretenimento. O problema é que a ênfase em curiosidades e entretenimento acaba reduzindo o interesse pela história social do Egito antigo como um valioso laboratório da experiência humana. Em avaliação sobre as novas tendências da Egiptologia, Moreno Garcia mostrou como um dos cenários possíveis para o futuro da área aponta para a sua gradual irrelevância acadêmica e a permanência do que ele chamou de “disneylandização”, ou seja, a produção de entretenimento e turismo.³

³ Juan Carlos Moreno Garcia (2020) Introducción: Nuevas tendencias en egiptología. *Clarusculo*, 2(19), p. 1-8.

Outro efeito da determinação da indústria editorial e seu interesse no grande público é a pouca presença de assuntos relativos a questões econômicas do Egito antigo enquanto aparecem temas da vida cotidiana como animais de estimação e diversão/entretenimento. O desinteresse do público (geral e acadêmico) em questões econômicas pode ser visto como um efeito do realismo capitalista,⁴ que, como alertam Graeber e Wengrow em recente sucesso editorial,⁵ restringe a nossa imaginação histórico-social e tende a dois cenários: 1) a visão das economias do passado como arcaicas e subdesenvolvidas; 2) a projeção para todo o passado humano do livre mercado e da racionalidade formalista voltada para fins num contexto de meios escassos.

Os problemas causados pelas demandas da indústria editorial se agravam em um cenário em que não há interesse na publicação de obras acadêmicas gerais e monográficas sobre Egito antigo, especialmente em língua portuguesa. Isso acaba tornando o livro de Inês Torres um recurso muito importante para ser utilizado nos cursos introdutórios de história antiga nas universidades falantes de português. Por outro lado, as características de um livro de divulgação científica, como a ausência de referências ao longo do texto, por exemplo, não impedem, mas acabam dificultando esse emprego da obra no fazer acadêmico.

Em todo caso, o livro apresenta uma bibliografia rica e atualizada, indicando o melhor do atual estado da arte da egiptologia e disciplinas correlatas. Pode-se dizer, portanto, que os esforços da autora em mobilizar suas experiências como educadora e divulgadora científica para composição desta obra foram totalmente bem-sucedidos. De fato, este livro tem o potencial de, em suas palavras, “desconstruir e desmistificar” o Egito antigo, além de contribuir para a consolidação dos estudos sobre o tema em língua portuguesa.

Data de publicação: 05/09/2025

⁴ Mark Fisher (2020) *Realismo capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária.

⁵ David Graeber & David Wengrow (2021) *O despertar de tudo. Uma nova história da humanidade.* São Paulo: Companhia das Letras.